RESENHA

Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do Nordeste

I only know that's how it was: the plot of prejudice against the people of the Northeast

Solo sé que fue así: la trama del prejuicio contra el pueblo del Nordeste

ADELVAN FERREIRA SANTOS

Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco (SEEPE)

Recebido em: 15/11/2025
Aprovado em: 21/04/2026
Editora responsável: Grace B. Alves

Como citar (ABNT)
SANTOS, Adelvan Ferreira. Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do Nordeste. Revista da ANPEGE, [S. l.], v. 22, n. 47, e20870, 2026. DOI: 10.5418/ra2026.v22i47.20870. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/20870. Acesso em: XX mês abreviado 20XX.

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY – permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

A Revista da ANPEGE não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que atendem as políticas editoriais e que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

RESUMO: A presente resenha objetivou apresentar um panorama do livro "Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do nordeste", de Octávio Santiago (2025), no qual são investigadas as origens e a persistência dos estereótipos negativos sobre o Nordeste, mostrando como eles foram construídos historicamente por motivos políticos, econômicos e sociais. A obra, baseada na tese de doutoramento do autor, analisa a influência da mídia, da literatura e da cultura popular na criação de uma imagem de atraso e miséria para a região, que foi conveniente para a consolidação de um centro de poder no Sudeste. O livro aponta como a superioridade econômica e o poder político do Sudeste criaram um imaginário conveniente que relegava o Nordeste a um lugar de "inferioridade". Por fim, o autor apresenta caminhos possíveis para desfazer esses estereótipos e propõe uma nova perspectiva sobre o Nordeste, mostrando suas contribuições para o país e os mecanismos de exclusão que o afetam.

Palavras-chave: Região Nordeste; Preconceitos; Estereótipos; Narrativas**.**

ABSTRACT: This review aims to present an overview of the book “Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do nordeste” (I only know that it was like this: the plot of prejudice against the people of the Northeast), by Octávio Santiago (2025), which investigates the origins and persistence of negative stereotypes about the Northeast, showing how they were historically constructed for political, economic, and social reasons. The work, based on the author's doctoral thesis, analyzes the influence of the media, literature, and popular culture in creating an image of backwardness and misery for the region, which was convenient for the consolidation of a center of power in the Southeast. The book points out how the economic superiority and political power of the Southeast created a convenient imaginary that relegated the Northeast to a place of “inferiority.” Finally, the author presents possible ways to undo these stereotypes and proposes a new perspective on the Northeast, showing its contributions to the country and the mechanisms of exclusion that affect it.

Keywords: Northeast Region; Prejudices; Stereotypes; Narratives.

RESUMEN: El presente resumen tiene como objetivo presentar una visión general del libro “Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do nordeste” (Solo sé que fue así: la trama del prejuicio contra la gente del nordeste), de Octávio Santiago (2025), en el que se investigan los orígenes y la persistencia de los estereotipos negativos sobre el nordeste, mostrando cómo se construyeron históricamente por motivos políticos, económicos y sociales. La obra, basada en la tesis doctoral del autor, analiza la influencia de los medios de comunicación, la literatura y la cultura popular en la creación de una imagen de atraso y miseria para la región, que fue conveniente para la consolidación de un centro de poder en el sudeste. El libro señala cómo la superioridad económica y el poder político del sudeste crearon un imaginario conveniente que relegaba al nordeste a un lugar de «inferioridad». Por último, el autor presenta posibles vías para deshacer estos estereotipos y propone una nueva perspectiva sobre el nordeste, mostrando sus contribuciones al país y los mecanismos de exclusión que lo afectan.

Palabras clave: Región Nordeste; Prejuicios; Estereotipos; Narrativas.

Resenha

O livro *Só sei que foi assim: A trama do preconceito contra o povo do Nordeste* é o resultado da pesquisa de doutorado de Octávio Santiago (2025) na área de Comunicação. O autor, jornalista e doutor pela Universidade do Minho (Portugal), dedica sua trajetória aos estudos culturais, mídia e identidade, com foco específico na representação social do Nordeste brasileiro, (ver **Figura 1**).

Logo na "Apresentação" da obra, Santiago (2025, p. 13-18) posiciona-se criticamente contra os estereótipos, a discriminação e o racismo direcionados à região. Para fundamentar essa análise, a narrativa percorre diferentes períodos históricos, destacando a primeira metade do século XIX e, especialmente, a década de 1920, marco da formalização do conceito geopolítico de Nordeste.

Nesse contexto, a tese principal do autor investiga a formação de estereótipos negativos elaborados "de fora para dentro". Em outras palavras, trata-se de um perfil criado pelo "Sul" (Sudeste e Sul desenvolvidos) que estigmatiza a região como um espaço atrasado, seco e habitado por pessoas "defeituosas", de cultura supostamente inferior e excessivamente miscigenada.

Santiago argumenta que essa imagem foi deliberadamente construída pelos meios de comunicação sob um viés racista, visando um projeto de embranquecimento populacional. Dessa forma, a representação da inferioridade nordestina funciona como uma estratégia política de dominação e subjugação de sujeitos com base em sua origem geográfica.

Somado a isso, o autor observa que o termo "Nordeste" se tornou, no imaginário coletivo, um sinônimo restrito a "obras contra as secas". Tal redução alimenta hostilidades contemporâneas, como as observadas em redes sociais, onde narrativas preconceituosas emergem com força, sobretudo em períodos de polarização política e desfechos de eleições presidenciais.

Em contrapartida a essa visão homogênea, Santiago (2025) defende que não existe um modo único de ser nordestino em um território que supera a extensão de diversos países. Contudo, persiste no imaginário das outras regiões uma abordagem reducionista que associa o Nordeste exclusivamente à miséria. Essa tática visa, em última análise, diminuir a relevância de milhões de brasileiros para facilitar seu controle e exploração nos centros industriais do "Sul" em ascensão.

A capa do livro (ver **Figura 1**) traz como elemento central o peixe preso ou pendurado na palmeira/caranguejeira estilizada, o que pode representar como o Nordeste e seu povo foram historicamente expostos, capturados, estereotipados ou colocados em posição de vulnerabilidade. O peixe também remete ao litoral, à pesca e aos modos de vida populares muito associados à cultura nordestina.

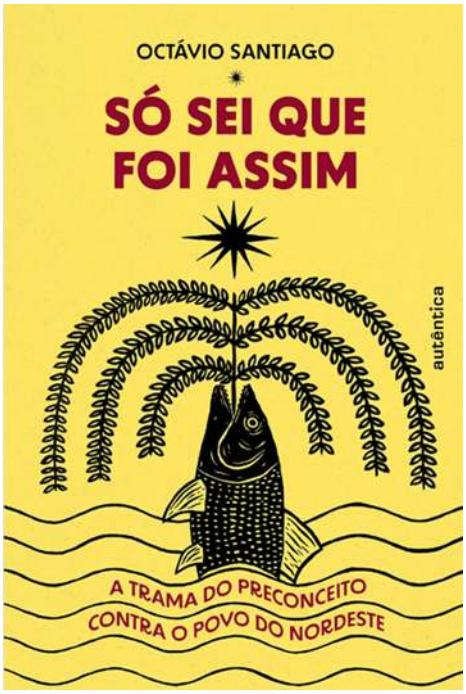

Figura 1: Capa do Livro "Só sei que foi assim: A trama do preconceito contra o povo do Nordeste". Fonte: Editora autêntica (2025).

Aprofundando essa discussão no primeiro capítulo, intitulado "Já que sou, o jeito é ser", o autor (2025, p. 21-46) introduz o conceito de "Complexo de Macabéa". Trata-se de uma analogia à personagem de Clarice Lispector em *A hora da estrela*, utilizada para discutir como o nordestino enxerga sua própria imagem refletida em um espelho social que lhe devolve apenas percepções negativas. A obra de Lispector serve, assim, como exemplo da retirante submissa que, estereotipada, não reconhece a própria identidade.

A partir desse conceito, Santiago aponta que o "Complexo de Macabéa" está intrinsecamente ligado à interiorização do silenciamento diante dos rótulos atribuídos. Curiosamente, o autor elucida que a própria Clarice Lispector, embora se declarasse nordestina, raramente era reconhecida como tal. O mesmo fenômeno de negação de pertencimento é observado em figuras como José de Alencar e Chacrinha, cujos feitos culturais foram nacionalizados enquanto suas origens eram negligenciadas.

Por fim, compreende-se que o "Complexo de Macabéa" foi o mecanismo responsável por suprimir vozes e negar a riqueza de uma cultura vista pelo "Sul" como "defeituosa" devido à miscigenação. As consequências desse processo ultrapassam as relações interpessoais e atingem o campo científico, culminando em um epistemicídio que invalida a produção de saberes e os modos de fazer do povo nordestino.

As imagens distorcidas refletidas no espelho foram criadas de forma arbitrária ou intencional, de modo que, ao subjugar os sujeitos nordestinos, quem está fora desse grupo nega seus feitos e os inferioriza. O autor reflete que há intencionalidade ao afirmar que o que é produzido no eixo Rio–São Paulo é reconhecido como nacional, ao passo que tudo o que é produzido fora desse cenário torna-se "regional", portanto, de menor valor.

Santiago analisa a fala de Rachel de Queiroz em 1988, em artigo no jornal O Estado de S. Paulo, no qual a escritora discute a superação do complexo da personagem de Lispector. Queiroz apresenta o conceito de "Nordestinidad", compreendido como ato de resistência e disputa por liderança — algo que se aproxima do conceito de decolonialidade, em escala regional, voltado ao fim dos discursos de poder que subjugam o Nordeste.

Nesse contexto, as alteridades são discutidas no livro, pois existem o "eu" e o "outro". Macabéa era vista como a outra, silenciada pelo preconceito. Santiago afirma que, para superar esses discursos de superioridade que inferiorizam, é necessário compreender suas causas. Ele sustenta que a imagem criada sobre o Nordeste foi produzida pelos meios de comunicação, sobretudo pela difusão do rádio. A imprensa do Sul atribuía as mazelas impostas aos nordestinos à suposta incapacidade dos homens do "Norte" — englobando tudo o que estava acima de Minas Gerais — vistos como habitantes de uma terra seca, do cangaço e da Guerra de Canudos.

Assim, é preciso conhecer o passado, enfrentar os discursos e reescrever a história, para que o Brasil conheça de fato o Brasil — rompendo com conceitos errôneos presentes no imaginário sobre um povo reconhecido, de um lado, como exótico, e, de outro, em oposição a um Sul supostamente civilizado. O autor aborda os conceitos de "endogrupo" (o grupo ao qual pertencemos) e "exogrupo" (o grupo dos outros) e discute que existe uma percepção de homogeneidade externa ao colocar os habitantes dos nove estados do Nordeste como se fossem "todos iguais", simplificando a grandeza da região. Para Santiago (2025), é importante compreender que as narrativas constroem muros entre diferentes grupos — mas a voz desconstrói narrativas.

No segundo capítulo, intitulado "O povo do Nordeste em 5 atos", especificamente no Ato 1: Mão de obra e desigualdades, Santiago (2025, p. 47-80) apresenta um panorama histórico que vai desde o "descobrimento" do Brasil até a contemporaneidade. O Nordeste foi a porta de entrada dos invasores portugueses, visto como um lugar de atração, encantamento e oportunidades de exploração. Nesse contexto, surgiram as capitanias hereditárias entregues aos donatários portugueses, entre as quais a capitania de Pernambuco, sob comando de Duarte Coelho, foi a mais próspera.

O autor evidencia que o Nordeste brasileiro experimentou momentos de intensa prosperidade econômica com a expansão das fazendas de cana-de-açúcar, baseadas na exploração de mão de obra escravizada oriunda de diferentes regiões da África, como Sudão, Guiné, Angola e Congo. A capitania de Pernambuco destacava-se como o principal polo açucareiro, concentrando grande número de engenhos e consolidando-se como espaço privilegiado de acumulação de riqueza para os senhores de engenho. Entretanto, essa prosperidade não se distribuía socialmente: ao contrário, aprofundava a concentração fundiária e produzia uma sociedade marcada pela expropriação, na qual a maioria da população era privada do acesso à terra e aos meios de subsistência.

Nesse contexto, a riqueza gerada no Nordeste pode ser compreendida como fruto de um processo histórico de apropriação desigual, frequentemente legitimado por discursos que exaltavam o progresso e a geração de trabalho. Contudo, tais discursos ocultavam relações profundamente desiguais, nas quais o trabalho, seja ele escravizado ou posteriormente precarizado, era o fundamento da acumulação, enquanto os trabalhadores permaneciam alienados dos frutos de sua própria produção. Assim, o chamado "desenvolvimento" da região esteve, desde sua origem, articulado a mecanismos de exploração e exclusão social.

A supremacia comercial de Pernambuco, nesse período, refletia a força de um capitalismo mercantil sustentado por uma elite aristocrática que controlava tanto a produção quanto as estruturas de poder. A divisão administrativa do território, após a morte de Mem de Sá em 1572, com a criação dos governos do "Norte" e do "Sul", evidencia não apenas uma reorganização política, mas também a consolidação de dinâmicas espaciais desiguais, nas quais determinadas regiões eram priorizadas em função de seus interesses econômicos.

Essa reorganização territorial também pode ser interpretada como uma estratégia de controle e manutenção dos privilégios das elites, reforçando a centralização das decisões e a marginalização de amplos segmentos da população, que permaneciam afastados dos benefícios gerados pela economia regional.

Posteriormente, a crise da economia açucareira e a descoberta do ouro em Minas Gerais provocaram uma inflexão significativa nas rotas comerciais e nos fluxos populacionais. A migração de trabalhadores do "Norte" para o "Sul" marca o

início de um processo de esvaziamento econômico relativo do Nordeste, ao mesmo tempo em que reforça a centralidade das regiões meridionais.

Esse deslocamento populacional não deve ser compreendido apenas como uma busca espontânea por melhores oportunidades, mas como resultado de um sistema que continuamente desloca a força de trabalho conforme os interesses do capital, reproduzindo em novos espaços as mesmas relações de exploração e alienação.

Com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, consolida-se o que o autor denomina de "Inversão Brasileira", quando o eixo de poder político e econômico se desloca definitivamente para o Sudeste. A posterior expansão da economia cafeeira intensifica esse processo, relegando o Nordeste — outrora central — à condição de periferia econômica, dependente e subordinada.

Nesse sentido, o discurso do progresso nacional, frequentemente associado à modernização e à expansão econômica, encobre a persistência de desigualdades regionais profundas, construídas historicamente por meio da concentração de riqueza e da exclusão de determinadas regiões do acesso aos benefícios desse crescimento.

A análise das grandes secas, especialmente a de 1877 a 1879, reforça essa leitura crítica ao evidenciar como fenômenos naturais foram agravados por estruturas sociais excludentes. A morte de centenas de milhares de nordestinos não pode ser compreendida apenas como resultado da estiagem, mas também como expressão de um modelo de organização social que concentrava recursos e negava condições mínimas de sobrevivência à população mais pobre. Paralelamente, atividades como a pecuária e o cultivo do algodão promoveram algum dinamismo econômico, mas não romperam com a lógica concentradora. Ao contrário, a expansão dos latifúndios sob o controle dos coronéis intensificou processos de expropriação, forçando sucessivas migrações e reafirmando a alienação dos trabalhadores em relação à terra e à riqueza que ajudavam a produzir.

Dessa forma, a trajetória histórica do Nordeste revela que os discursos de desenvolvimento e geração de emprego frequentemente mascaram processos mais profundos de apropriação desigual da riqueza, nos quais a expropriação e a alienação constituem elementos centrais da formação socioespacial brasileira.

É nesse contexto que surge a imagem, ainda presente no imaginário social, do povo nordestino como retirante, pobre e sofredor. Muitos foram deslocados à força, principalmente para o Sudeste, em veículos conhecidos como "pau de arara", e, ao chegarem aos seus destinos, eram inseridos em postos de trabalho de menor prestígio.

Santiago (2025) enfatiza que o povo oriundo do então "Norte" era, de forma arbitrária, homogeneizado por pronomes pejorativos que reduziam e desqualificavam o trabalhador nordestino, que "deveria aprender no convívio com gente mais qualificada". No entanto, alguns retirantes que chegaram ao Sudeste fugindo da seca hoje ocupam posições de destaque, inclusive como empregadores — o que, para muitos do "Sul civilizado", causa estranhamento ao se verem subordinados a nordestinos.

No "Ato 2: Racialização", Santiago (2025, p. 81-104) discute o esforço estatal para embranquecer o país por meio do incentivo à imigração de europeus. Se antes os inimigos dos detentores do poder foram os saqueadores franceses, os indígenas que resistiram à escravidão, os invasores holandeses e até os separatistas, agora o alvo passou a ser as pessoas pretas e pardas.

Santiago analisa o contexto escravagista, no qual indivíduos de pele branca se autodeclaravam nobres, superiores e detentores de posses, num processo de hierarquização. A mestiçagem da população era vista como um problema a ser eliminado. Após a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o comércio de pessoas escravizadas para o Império do Brasil, tornou-se necessário substituir a mão de obra que, por séculos, servira aos senhores: o trabalho das pessoas negras escravizadas. Assim, estimulou-se a chegada de europeus, que atendiam às características étnicas desejadas — brancos e católicos — como forma de "civilizar" um território marcado pela diáspora africana, em uma política de caráter eugenista.

Nesse cenário, Bahia e Piauí concentravam elevados contingentes populacionais fora do padrão racial valorizado pelas elites, com predominância de pessoas pretas e pardas — resultado direto da herança escravocrata e da ausência de políticas de

inclusão no pós-abolição. Santiago destaca que o preconceito contra o povo nordestino está profundamente ligado ao racismo estrutural que historicamente organiza a sociedade brasileira. Entre 1850 e 1930, a chegada de imigrantes europeus e asiáticos — como portugueses, italianos, alemães, sírio-libaneses, poloneses, ucranianos e japoneses — foi incentivada por políticas estatais que privilegiaram sua fixação no Sul e no Sudeste. Esse processo integrou um projeto político de "branqueamento" da população, que associava desenvolvimento e civilização a características raciais específicas, ao mesmo tempo em que reforçava a marginalização do Nordeste, representado como espaço "atrasado" por sua composição racial e condições socioambientais.

A esterilização da população mestiça chegou a ser cogitada para a construção de um "Brasil saudável". Santiago recorre à obra Os Sertões, de Euclides da Cunha, para demonstrar o caráter preconceituoso presente no texto. Embora o autor reconheça que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte", também o descreve como "um decaído", evidenciando a influência do determinismo geográfico de Ratzel. Santiago compara as características físico-naturais do Sul e do Nordeste, destacando o viés discriminatório desses discursos.

O autor aponta que a imprensa contribuiu para disseminar narrativas preconceituosas por meio de "impressões" sobre o Nordeste e de enaltecimento ao Sul e Sudeste, num momento em que São Paulo buscava consolidar-se na liderança político-econômica nacional. Em uma clara tentativa de manutenção de privilégios, o racismo perpetuou-se no país. Atualmente, porém, as leis brasileiras são mais severas com quem profere ofensas contra nordestinos, reconhecidas como práticas racistas. Santiago conclui esse capítulo analisando os elementos culturais que dão sentido ao Brasil diverso, como o samba e a culinária —, ao mesmo tempo em que cobra a valorização do mestiço enquanto sujeito de direitos e de valor.

No "Ato 3: Monotematização: seca, fanatismo e violência", Santiago (2025, p. 105-158) discute como as músicas, a literatura, o audiovisual e os discursos políticos construíram narrativas sobre o Nordeste e seu povo. O autor inicia pela nacionalização da seca, amplamente divulgada por meio de músicas de Luiz Gonzaga e Alceu Valença; da literatura, como A Fome, a violação, de Rodolfo Teófilo; e da imprensa, como A Província de São Paulo (atual O Estado de São Paulo) e o Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. Assim, a imagem da seca e da vulnerabilidade do povo servia aos interesses políticos dos Estados do "Norte", cujos representantes administravam os recursos destinados ao combate à estiagem em benefício próprio, desassistindo aqueles que realmente necessitavam.

Ao dedicar uma seção deste capítulo aos "fanáticos" descritos em *Os Sertões*, Santiago (2025) revela como a análise de Euclides da Cunha sobre o Arraial de Canudos serviu de base para uma estigmatização científica. Embora Euclides reconhecesse a força do sertanejo, sua interpretação estava ancorada no determinismo geográfico e racial, que vinculava a mestiçagem e a religiosidade a uma "nevrose coletiva". Essa patologização do povo nordestino não era apenas um erro antropológico, mas uma justificativa ideológica para a repressão estatal. Ao descreverem os seguidores de Antônio Conselheiro ou de Padre Cícero como "fanáticos boçais" e "devotos delirantes", os jornais do Sudeste legitimavam a exclusão dessas populações do projeto de modernidade republicana, tratando-as como entraves ao progresso econômico nacional.

Essa construção simbólica de uma terra "pavorosa" e de um "fim de mundo" funcionou como um mecanismo de desvalorização territorial, onde o insucesso populacional era apresentado como uma fatalidade biológica, e não como fruto de abandono político. Nesse cenário, o cangaço de Lampião emerge não apenas como banditismo, mas como um sintoma das mazelas socioeconômicas e da ausência de instituições democráticas. Todavia, a narrativa hegemônica inverteu essa lógica: ao rotular a região como uma "terra sem lei" dominada pelo "bandidismo", as elites do Centro-Sul justificavam o subinvestimento e a manutenção do Nordeste como uma periferia fornecedora de mão de obra barata para o Sudeste em industrialização.

Em termos de disputa de narrativa, Santiago analisa o contraponto estético de Gilberto Freyre no *Livro do Nordeste*. Diferente da visão determinista, Freyre apresenta a seca como fato climático, mas recusa-se a aceitá-la como causa da pobreza

intelectual ou econômica, descrevendo uma região próspera e dotada de identidade. Contudo, o autor ressalta uma ambiguidade crucial: essa "nordestinidade" positiva celebrada por autores regionais muitas vezes ocultava um projeto político conservador. Nas entrelinhas, buscava-se preservar os privilégios das antigas oligarquias agrárias em decadência frente à ascensão do capital industrial paulista, revelando que a própria definição do que é o Nordeste sempre esteve no centro de uma guerra de interesses econômicos.

Na contemporaneidade, embora a literatura e o audiovisual ainda oscilem entre juízos de valor redutivos, há um movimento de resistência que busca romper com a "monotematização" da miséria. O objetivo é desconstruir a ideia de que o Nordeste é um fardo econômico para a federação, uma imagem que ainda serve para justificar desigualdades na distribuição de royalties e orçamentos públicos.

Essa articulação entre discurso e lucro torna-se explícita na análise sobre as elites políticas. Na seção “Um discurso conveniente”, Santiago (2025) utiliza as reflexões da geógrafa Iná Elias de Castro para expor como a seca e a miséria foram convertidas em ativos financeiros por grupos poderosos. Trata-se da "indústria e do marketing da seca", onde a vulnerabilidade social é mantida para garantir o fluxo de recursos emergenciais que, em vez de transformar a estrutura produtiva regional, acabam por perpetuar o poder de currais eleitorais. Por outro lado, o autor faz uma ressalva importante: o uso indiscriminado e alarmista do termo “indústria da seca” pode ser capturado por forças políticas externas para restringir investimentos estruturantes essenciais, punindo a população sob o pretexto de combater a corrupção das elites locais e aprofundando o abismo econômico entre as regiões.

Santiago inicia o “Ato 4: Oposição e interesses” (2025, p. 159-183), apresentando as motivações para a criação do espaço Nordeste, que nasce a partir do olhar do paraibano Epitácio Pessoa, então presidente da República, ao decretar, em 1919, a construção de grandes obras. A região foi delineada a partir de suas vulnerabilidades, das delimitações das secas e de suas mazelas, que deveriam ser mitigadas por meio de investimentos públicos provenientes do “caixa das secas”. Nesse contexto, o Nordeste passou a ser visto, por alguns setores, como uma região privilegiada, já que havia iniciativas governamentais para solucionar seus problemas socioambientais.

A partir disso, o autor apresenta os incômodos das elites e de parte da imprensa brasileira acerca das obras realizadas no Nordeste. Para esses grupos, a “indústria da seca” representava uma utilização sem retorno, pois a região não produzia na mesma proporção que arrecadava. As acusações apontavam para valores considerados exorbitantes, para a demora na execução das obras e para a suposta irresponsabilidade na gestão dos recursos. Santiago afirma que “o que parecia incomodar mesmo era o destino dos recursos!”, o que gerou animosidade entre as regiões brasileiras.

Em continuidade à análise, o autor aponta que, com o fim do governo de Epitácio Pessoa, os recursos financeiros destinados a mitigar os efeitos da seca e a melhorar o convívio com esse fenômeno climático foram desviados em direção ao “Sul” do país, em detrimento do Nordeste. As narrativas acusatórias sustentavam que o Nordeste fazia mau uso do dinheiro público, enquanto os estados do “Sul” seriam mais merecedores de tais investimentos. Essa disputa discursiva intensificou a inação diante da necessidade de socorrer as vítimas da seca.

Santiago afirma que esse cenário de ataques ao Nordeste e ao seu povo se ampliou com a democratização da internet e das redes sociais. Diante da polarização política recente, o Brasil voltou a ser simbolicamente dividido entre “Norte” e “Sul”, com grupos ideologicamente opostos reforçando essa clivagem. Com o resultado das eleições favorável ao presidente Lula, intensificou-se uma onda de ataques e marginalização direcionada aos nordestinos. Esse processo, no entanto, não se limita ao ambiente digital ou à conjuntura política imediata, mas expressa a reatualização de estruturas históricas de desigualdade regional, nas quais disputas de poder, interesses econômicos e heranças do racismo estrutural se articulam para produzir e legitimar estigmas. Assim, as redes sociais funcionam como amplificadoras de preconceitos historicamente construídos, difundindo estereótipos e desinformação que reforçam hierarquias socioespaciais e políticas no país.

Iniciando o "Ato 5: Estereótipos", Santiago (2025, p. 185-210), aborda os desserviços da teledramaturgia ao insistir em representações estereotipadas do povo nordestino. As narrativas das novelas que apresentam o Nordeste ao Brasil são reducionistas, reforçam a imagem do atraso e, via de regra, representam pessoas maltratadas pela vida, privadas de direitos e marcadas pelo sofrimento. Há um controle do pertencimento e um exagero na estereotipação recreativa.

Os personagens considerados típicos da região são tolos, padres, coronéis, beatas, ingênuos, cômicos, bobos da corte, figuras secundárias, caricatas, de pele suada e queimada de sol, ou ricos arrogantes, pouco cultos, brutos, corruptos e de gestos exagerados, com sotaque "engraçado". O autor afirma que esse reducionismo coloca os nordestinos dos nove estados — cerca de 60 milhões de pessoas — como alheios à modernidade e à globalização, seres imutáveis, incapazes de mudar com o tempo. Tais narrativas sustentam privilégios historicamente reproduzidos por meio da desqualificação do outro.

Na seção intitulada "Uma espécie diferente", Santiago discute artigos jornalísticos que retrataram algumas pessoas nordestinas como uma espécie diversa, um tipo de "gabiru" — em comparação com ratos que comem o que encontram no lixo. Uma espécie de baixa estatura, com má formação esquelética e crânio pouco desenvolvido, resultado da fome, da miséria e da miscigenação.

O autor apresenta uma das "Impressões do Nordeste", de 15 de agosto de 1923, realmente impressionante ao descrever os nordestinos a partir de uma visão desumanizadora, segundo a qual o homem seria de baixa estatura e magro, predisposto a desenvolver deformidades ósseas. A mulher envelheceria de forma precoce, perdendo rapidamente a atratividade devido à maternidade precoce e à alta taxa de natalidade, sendo comum encontrar mulheres que tiveram até quinze filhos e que, como consequência, atingiam a decrepitude aos quarenta anos. Além disso, seriam violentos, fanáticos e indolentes. Para o autor, esses estereótipos não são neutros: possuem objetivos claros, ampliam discursos de interesse, estratificam a sociedade e distribuem oportunidades de maneira desigual.

No último capítulo, "Vivências e discriminação", Santiago (2025, p. 211-238) apresenta as narrativas de 27 nordestinos — três de cada um dos nove estados — contemplando diferenças étnicas, sociais, de gênero e de origem entre interior e capitais. São pessoas que migraram para o "Sul" por distintos motivos e que vivenciaram o preconceito associado aos estereótipos sobre os nordestinos.

O autor divide esse capítulo em cinco grupos, sistematizados por temas que convergem nos relatos dos entrevistados. O primeiro é "O padrão físico: 'a cara de nordestino' e o mito do rosto comum", no qual são apresentadas narrativas sobre a aparência do povo nordestino, como se não houvesse diversidade étnica dentro dessa região tão vasta. Muitos comentários pejorativos aparecem velados como elogios, mas carregam um reducionismo cruel para quem os ouve — como o frequente "Nem cara de nordestino você tem" —, numa clara negação da miscigenação que caracteriza o povo do Nordeste brasileiro.

O segundo tópico diz respeito à "Inferiorização: a comparação equivocada e o mito da subalternização", que aborda a desvalorização cultural. Tudo o que está fora do eixo Rio–São Paulo é visto como menos privilegiado, considerado regional ou excêntrico, separado do centro. A ideia equivocada de que os nordestinos não têm competências profissionais também se apresenta como um entrave à ascensão, perpetuando ciclos de pobreza e desigualdades socioeconômicas. O uso de termos genéricos é recorrente para subjugar os trabalhadores nordestinos em deslocamento, como "preguiçosos", "pau de arara" e "comedor de cuscuz" — expressões usadas para perpetuar preconceitos e manter privilégios.

No tópico "Exotização: a linguagem e o mito do sotaque único", o autor discute a falácia de que existe um único sotaque nordestino, o que não condiz com a realidade, pois há uma ampla variedade linguística tanto entre os estados quanto dentro deles. Já a seção "Apagamento: a negação intelectual e o mito da narrativa pronta" trata, por meio dos relatos, da ideia de que não há outra história a ser contada sobre esse povo além da miséria e das restrições. São discursos que sugerem a incapacidade do nordestino e a ideia de que sua redenção estaria no Sul ou no Sudeste, onde buscaria espaço e identidade. Frases como

“Mesmo sendo do Nordeste, ela se revelou uma grata surpresa” reforçam a noção de exceção e desconsideram os feitos dos demais conterrâneos.

O último tópico aborda o “Reducionismo: a ideia de vizinhança e o mito de um só lugar”, no qual o autor afirma que, para muitos sudestinos, o Nordeste seria uma pequena vila onde todos se conhecem. Essa visão ignora a extensão territorial, a diversidade populacional e as múltiplas subjetividades da região — uma estratégia eficaz para reduzir simbolicamente um território amplamente heterogêneo em suas características climáticas, humanas e culturais.

Por fim, em suas “Notas finais”, Santiago afirma que, para enfrentar o preconceito, a desvalorização e o reducionismo dirigidos ao povo nordestino, é preciso dar voz a esse grupo por meio das estruturas educacionais e da autoconsciência. É fundamental que se reconheça a pluralidade nordestina, pois não cabe reduzi-la a limites tão estreitos.

Contribuições do autor (CRediT): Todo o trabalho foi desenvolvido pelo autor, desde as tarefas de apresentação, contextualização, síntese e descrição objetiva da obra.

Disponibilidade de dados: A obra encontra-se disponível na Editora Autêntica: https://www.grupoautentica.com.br/produto/so-sei-que-foi-assim-1738.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu financiamento externo.

Agradecimentos: Não se aplica.

Uso de inteligência artificial: O autor declara não ter utilizado ferramentas de inteligência artificial de modo relevante na elaboração do manuscrito ou na realização da pesquisa.

Conflito de interesse: O autor declara não haver conflito de interesse.

Referência

SANTIAGO, Octávio. Só sei que foi assim**:** A trama do preconceito contra o povo do Nordeste. 1. Ed.; 1 reimpressão. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2025. 256 p.

SOBRE O AUTOR

Adelvan Ferreira Santos

Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia - PROET/UNEB. Especialização em Ciências Humanas e Sociais aplicadas e o mundo do trabalho, pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Possui graduação em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente é professor de Geografia na Educação Básica na Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco-SEEPE. Membro do grupo de Pesquisa GeoBiografar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores. Desenvolve pesquisas na área de Ensino de Geografia.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2731-4515

E-mail: adelvan19@gmail.com